

DO CENTRO À PERIFERIA SOBRE A PRESENÇA DA TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE NO BRASIL*

DANIELLE TORRI

Graduada em educação física pela UFSC; mestranda em educação pelo PPGE/UFSC; membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea; bolsista de iniciação científica (Pibic/UFSC/CNPq) entre 2004 e 2006.

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doutor pela Universidade de Hannover; professor do Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea; pesquisador CNPq (nível 2 – ciências humanas, educação, fundamentos da educação).

RESUMO

A Teoria Crítica do Esporte (TCE) é um movimento alimentado pela contracultura e pela Escola de Frankfurt que nasce na Europa e chega ao Brasil nos anos de 1980 como aporte teórico da crítica ao esporte. Ela se desenvolve no país em dois momentos: a supracitada chegada e uma recepção crítica a partir da década seguinte. Entre eles, um esforço de apresentação em textos descritivo-analíticos. A TCE foi especialmente assimilada pela área de educação física e se popularizou em versões às vezes vulgares. A crítica a ela aponta questões importantes, sobretudo relacionadas à investigação empírica. O debate com a TCE deveria aproximá-la de sua origem teórica, aprofundando conceitos propostos pelos frankfurtianos, não como receituário, mas como convite à pesquisa e à reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica do Esporte; sociologia do esporte; Escola de Frankfurt.

* O texto apresenta resultados parciais do projeto *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação*, financiado pelo CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa, auxílio pesquisa, bolsa de apoio técnico e bolsas de iniciação científica) e pela Fapesc (auxílio pesquisa, bolsa de iniciação científica). Agradecemos as leituras críticas e fraternas de Felipe Quintão de Almeida, Hugo Lovisoló, Jaison José Bassani e Michelle Carreira Gonçalves, bem como as sugestões de um dos pareceristas anônimos da RBCE. Os limites do trabalho seguem sendo de inteira responsabilidade dos autores.

INTRODUÇÃO

A partir do início dos anos de 1980 ganhou corpo na educação física brasileira uma perspectiva de análise do esporte que fazia a este uma dura crítica, associando-o ao que havia de pior no desenvolvimento da sociedade capitalista, atribuindo-lhe funcionalidade em relação a ela e imputando-lhe a condição de representante ideológico e da forma mercadorista.

Conhecida como Teoria Crítica do Esporte (TCE) e formulada em um momento de forte impulso da contracultura e da Escola de Frankfurt nos anos 1960 e 1970, o movimento teve como principais representantes – isso visto posteriormente e sem que tenha havido algo “programático” – o alemão Bero Rigauer e o francês Jean-Marie Brohm.

Esse último assim sintetizou a presença do esporte na sociedade capitalista:

Sport is an ideological State apparatus which fulfils a triple role: it ideologically reproduces bourgeois social relations such as selection and hierarchy, subservience, obedience etc.; secondly, it spreads an organizational ideology specific to the institution of sport, involving competition, records and output; and thirdly, it transmits on a huge scale the general themes of ruling bourgeois ideology like the myth of superman, individualism, social advancement, success, efficiency etc.¹ (BROHM, 1989, p. 77)

Foi a obra desses autores que, indiretamente, se fez inicialmente presente no Brasil nos anos de 1980, na forma de um apoio teórico e político para a tentativa de compreensão do esporte nacional, tanto em sua versão no lazer (CAVALCANTI, 1982, 1984) quanto na escolarização (BRACHT, 1989, 1997), ambos mediados pelo Estado.

Há talvez dois momentos da recepção da TCE no Brasil. O primeiro se refere à apropriação do ideário desse movimento como suporte para a análise de questões nacionais e se dirige à crítica ao esporte, sobretudo em seu uso como estratégia de construção de hegemonia do Estado capitalista e mesmo ditatorial. Um segundo momento encontra trabalhos que se dedicam à crítica ao movimento, contrastando-o com outras perspectivas e tendo como foco não apenas a TCE,

¹. Optamos por manter a escrita original da fonte porque já se trata de uma tradução. Em todo o caso, segue uma versão em português: “O esporte é um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência etc.; em segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e *outputs*; em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência etc.”

mas sua disseminação, às vezes em versões vulgares. Como uma espécie de entremomentos, há também um esforço de apresentação daquele movimento teórico.

Nas páginas seguintes procuramos por uma apresentação e interpretação do conteúdo de cada um desses momentos com vistas a dar mais um passo no sentido de pensar o que tem sido o debate sobre o esporte como fenômeno social. Tomamos aqui, como pano de fundo, uma peculiar relação que se estabelece entre o centro e a periferia (malgrados os processos de globalização) por meio de um corpo teórico que, gestado em sociedades com um esporte de altíssimo rendimento e bastante popularizado em sua prática, encontra espaço em um país com baixo poderio olímpico e com presença hegemônica de futebol na prática e no imaginário esportivos brasileiros.

DA CHEGADA DA TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE NO BRASIL

A recepção da TCE no Brasil está associada ao que se convencionou chamar de “Pedagogia Progressista” da Educação Física dos anos de 1980, quando discursos da área tentavam superar o tecnicismo pedagógico, fortemente alicerçado no esporte.

Enquanto na Europa as ciências sociais dos anos de 1960 voltavam seus olhos para o fenômeno esportivo, o que propiciou o desenvolvimento das teorias da nova esquerda, nas ciências sociais brasileiras a TCE teve e tem presença bastante restrita. Aqui prevaleceu, nos inícios da pesquisa sobre o esporte como tema sociológico, nos anos de 1980, uma perspectiva que pretende compreender o futebol (e não necessariamente o esporte como um todo) como um drama. Referimo-nos à canônica contribuição de Roberto Damatta (1982)².

Concomitantemente, a TCE teve sua primeira inserção no Brasil na área de educação física. Cavalcanti (1981), em estudo pioneiro, observava que as pesquisas destinadas a compreender o esporte vinham apenas de uma direção: da “Pedagogia Esportiva”, um discurso que ressaltava a educação por meio do esporte. A autora pôs-se a descrever de que forma o esporte tinha até então sido objeto de análise e descobriu na França uma amplitude dos estudos sociológicos sobre o tema, principalmente na obra de Jean-Marie Brohm. Ela apresenta aos brasileiros as principais

². É sintomático que a excelente revisão da produção da sociologia do esporte no Brasil feita por Toledo (2003) se desenvolva com trabalhos a partir de 1982, marco dos estudos dessa natureza em nosso país, com a publicação do livro organizado por Damatta, *Universo do futebol*. As publicações anteriores sobre o tema eram escassas e pontuais.

teses desse autor: a finalidade política e social do fenômeno esportivo, as funções de adaptação e acomodação aos ideais da sociedade capitalista, o rendimento, e a afinidade entre esporte e trabalho industrial.

O objetivo de Cavalcanti era, no entanto, a análise do programa Esporte para Todos, as anunciadas finalidades sociais do esporte e os discursos empregados para sua “democratização”. Em trabalho mais extenso, não lhe escapou o poder publicitário envolvido com o projeto “A diversidade de embalagens para um mesmo produto mostra o grande interesse dos segmentos dominantes da sociedade em vender a prática esportiva para todos” (CAVALCANTI, 1984, p. 87).

Apoiada nas análises de Brohm, a autora põe em questão alguns dos objetivos e finalidades do programa, que fazia crer que o esporte era a atividade ideal para ocupar o tempo de não-trabalho e para ajudar a alcançar o equilíbrio psicofisiológico. Salienta que ele, ao atingir grandes camadas da população, contribuía, no entanto, para os interesses das classes dominantes à medida que, por exemplo, mantinha os dominados ativos em seu tempo disponível, sendo, portanto, uma forma de controle social que ajudava na despolitização das massas. Também com Brohm, o programa alertava para a ampliação do mercado esportivo e da propagação de uma idéia específica de corpo e de saúde, expressão da força da técnica sobre o indivíduo, coisificando o corpo e adaptando-o às exigências da tecnologia.

As idéias do movimento da Nova Esquerda no Brasil, como dissemos, foram mais absorvidas pelos que desejavam superar visões reducionistas da educação física. Exemplar nesse sentido é o trabalho de Bracht (1997³) que, ao pensar uma educação física comprometida com a crítica e com o movimento de transformação social, apresentou ecos da TCE no artigo “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”, um título que ironiza um bordão popularizado em transmissões esportivas televisivas dos anos de 1970. Haveria, segundo Bracht, uma transposição da aprendizagem social das regras do esporte como uma forma de socialização que é adaptada para a sociedade capitalista.

O autor expõe desde o início sua atenção com uma educação física preocupada com os condicionantes sociais de sua atividade pedagógica, pois até então a área disciplinar enxergava seus conteúdos por meio de uma visão biologicista, a partir da qual seu papel seria o de promover melhor aptidão física; isso contribuiria automaticamente para o desenvolvimento social, pois deixaria “os indivíduos mais aptos a atuarem na sociedade” (BRACHT, 1997, p. 57). Bracht criticava o entendi-

³ Publicado pela primeira vez em 1986 na *RBCE*, depois duas vezes em coletâneas.

mento de que o papel da educação física seria o desenvolvimento não somente físico, mas também intelectual, o que foi denominado de visão biopsicológica.

Nesse quadro de promover a educação física como meio de melhorar a condição física e psíquica dos indivíduos é que teria sido feito uso do esporte na escola, defendido por professores que realçavam a sua contribuição na socialização de crianças. Tendo como arcabouço teórico as teorias da Nova Esquerda, Bracht defendia a idéia de que o esporte na escola cumpre a função de difundir valores burgueses. A crítica a idéias como o caráter socialmente positivo das regras, o aprendizado para “vencer ou perder na vida”, a louvação do esforço individual como meio de ascensão, encontra, naquele texto, a relação entre o esporte e a educação física escolar.

Para o autor, o discurso da pedagogia do esporte na escola viria disfarçado por outras palavras, como socialização e cooperação. Entretanto, acabaria por reproduzir as mesmas idéias do esporte praticado fora dela, como o aprendizado de regras sem espaço de questionamento e o comportamento segundo as normas das competições.

ENTREMOMENTOS

Os trabalhos de Cavalcanti e Bracht deram início aos estudos empregando as idéias da TCE no Brasil sem, contudo, oferecer uma visão mais ampla e geral do movimento. O primeiro trabalho com este propósito é um livro do próprio Bracht (2003), cuja primeira edição é de 1997, uma síntese de abordagens sociológicas críticas, dentre elas a da Nova Esquerda⁴. O autor, indagando sobre o poder do esporte na sociedade, transformado em expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento, ofereceu um pequeno mapa desde a gênese do esporte, passando por teorias que o tomaram como tema em seus princípios ou características fundamentais, como o corpo, a disciplina e a espetacularização. No terceiro capítulo, apresenta as críticas endereçadas ao esporte que tiveram orientação frankfurtiana e que são chamadas de TCE.

⁴ Outros textos apresentaram à sociedade acadêmica brasileira as teses da Teoria Crítica do Esporte. Um deles foi o trabalho de Vaz (2003). Seu texto detalha o contexto em que a Teoria Crítica do Esporte se desenvolveu, tanto histórico, referindo-se ao movimento contestatório de 1968 e a conjuntura da Guerra Fria, quanto intelectual, que diz respeito à influência da Escola de Frankfurt. Apresenta as principais críticas endereçadas ao esporte realizadas pelos autores da Nova Esquerda, a afinidade com o trabalho e o princípio de rendimento incorporado por ele, bem como as críticas que a elas foram endereçadas. Conclui tecendo comentários sobre a possível atualidade das idéias da Nova Esquerda para o esporte.

Bracht apresenta primeiramente um breve esboço de algumas das bases teóricas que inspiraram esse movimento, teses da Escola de Frankfurt que mais transpareceram nos trabalhos da TCE, especialmente as da coisificação, alienação, repressão e manipulação, as duas últimas desenvolvidas principalmente por Herbert Marcuse. Logo após, expõe algumas das idéias da TCE, especialmente as de Bero Rigauer. Para este e para outros autores do movimento, o esporte seria caracterizado por um sistema de ação reificado como o trabalho, um instrumento de repressão e um fenômeno de manipulação e adaptação, esta última suscitada pelas funções de compensação, socialização e integração esportivas. O esporte foi descrito por Bracht, como um fator coadjuvante na estabilização do sistema capitalista. Seriam creditadas ao esporte funções como o desvio de atenção política e atenuação de tensões e frustrações originadas pelas complicadas relações de trabalho. Esse efeito estabilizador seria resultado de repressão pulsional, uma vez que a sexualidade teria sido destituída de seu poder de atuação social pelas intensas atividades esportivas.

Bracht detém-se em apresentar mais minuciosamente a tese de Rigauer (1969) sobre a afinidade entre trabalho industrial e o esporte de alto rendimento. Segundo este, o esporte desenvolveu-se em afinidade com o processo social global, o que determinou suas características, por exemplo, a disciplina, autoridade, concorrência, rendimento, organização entre várias outras. Esses aspectos, que fazem parte da estrutura da sociedade capitalista, impregnariam o esporte, principalmente o de alto rendimento, mas também o de lazer. Essa afinidade se daria por um paralelismo nos sistemas de ação do esporte e do trabalho, no cientificismo de ambos, na execução repetitiva, na sobrecarga comuns aos dois e no caráter de mercadoria que possuem (RIGAUER, 1969).

Proni (2002) oferece uma análise detalhada de um autor da TCE, Jean-Marie Brohm. Para tanto, descreveu amplamente as teses que foram elaboradas por este, apresentando não somente seu ideário, mas também discutindo algumas das questões que, segundo entende, contribuem para a análise do esporte contemporâneo. Proni descreve o modelo crítico de Brohm: a apropriação esportiva pelo sistema capitalista, produzindo mercadorias na forma de recordes, campeões, atletas; a idéia de que o sistema esportivo é movido pelo regime capitalista e, é claro, a competição física que reflete estritamente a concorrência econômica industrial ou, em outras palavras, o princípio de rendimento.

O autor apresenta e discute algumas questões que dizem respeito às funções que, segundo Brohm, o esporte possui na sociedade burguesa. Nesse caso, não deixa de citar a afinidade entre os meios de comunicação e o esporte para fomentar a construção dos mitos e heróis e sua utilização política. Nesse contexto,

são apresentadas duas outras teses. A primeira diz que o esporte nas sociedades capitalistas seria idêntico àquele praticado em outros regimes. Ele se apóia no fato de que tanto o esporte capitalista quanto o socialista têm a mesma estrutura organizativa, ou seja, são orientados pelo princípio do rendimento. A segunda é que o esporte seria criador de um certo nacionalismo ou identidade nacional. Esse serviria para desviar a atenção e a energia de expectadores e atletas, fazendo com que esquecessem suas condições de trabalho (alienado) e de classe dominada, possibilitando uma falsa coesão nacional.

O trabalho de Proni apresenta muito bem as teses que foram desenvolvidas por Brohm e que estão descritas no livro *Sociologie politique du sport* (1976)⁵, ainda que cometa alguns pequenos equívocos. O primeiro diz respeito a uma associação logo no início do texto, quando afirma que o papel social do esporte de rendimento já vinha sendo alvo de críticas pelos representantes da “escola alemã” (PRONI, 2002, p. 32), citando Rigauer, Vinnai e Lenk. Este último realmente ocupou-se do fenômeno esportivo, mas o fez em outra direção, opondo-se à idéia de que o esporte seria alienante, coercitivo e anti-libidinal. Hans Lenk (1979), crítico das idéias de Marcuse e do mais conhecido trabalho de Rigauer (1969), se põs na direção contrária à tese de que a sociedade assume o princípio do desempenho, em especial no esporte. A assertiva de Brohm sobre a forma como o esporte pode orientar a energia pulsional não foi citada por Proni, talvez porque se encontre em outro trabalho (BROHM, 1976) no qual discute a tese marcuseana da dessublimação repressiva. Nesse sentido, questões mais educacionais e filosóficas relacionadas ao esporte não puderam ser expostas por Proni em seu trabalho.

Embora Proni localize as idéias de Brohm no contexto da TCE, não menciona a forte influência do trabalho de Rigauer sobre ele, nem faz qualquer aproximação com as teses da Escola de Frankfurt. Em certo momento de seu texto, Proni discute a apropriação do esporte pelos meios de comunicação, responsável pela geração de toda uma série de produtos esportivos. Nesse ponto de seu trabalho, o autor poderia fazer associação com o capítulo sobre indústria cultural presente em *Dialética do esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1997), ainda que os frankfurtianos não falem em termos de “apropriação”. Entretanto, há ainda outros momentos onde a convergência poderia ser ainda mais forte. Por exemplo, quando o autor fala em práticas esportivas de lazer como surfe e *skate*, não menciona as teses da Nova Esquerda que se referem ao fenômeno do lazer. Estas afirmam que as práticas esportivas nesse âmbito absorvem os princípios do esporte de rendimento – e isso

⁵ O autor trabalhou com a versão em espanhol, *Sociología política del deporte*, de 1978.

poderia ser explorado nos termos dos esportes californianos. Proni salienta apenas que estas fogem ao padrão do esporte tradicional e que nesse caso a teoria de Brohm seria insuficiente para analisá-las.

Outros dois pontos que se referem aos esquemas da indústria cultural dizem respeito à construção dos mitos produzidos pelo sistema esportivo. Os atletas, transformados em heróis, e seus feitos eternizados em recordes e façanhas têm suas imagens utilizadas para vender sua força de trabalho e/ou toda uma variedade de produtos. Além disso, os mitos esportivos correspondem àqueles indivíduos que parecem ter sido, como nas operações dos filmes de Hollywood, supostamente capturados ao acaso, pois se trata de um modo de operação dos esquemas da indústria cultural que dissemina a idéia de que qualquer um, com esforço individual, pode ter sucesso.

Quando Proni fala em “esporte de resistência”, como a capoeira ou o *skate*, salienta que são mais difíceis de serem analisados segundo a teoria de Brohm porque haveria fatores mais complexos que os envolvem. A tese pode ser correta, entretanto, a possível associação destes esportes com a indústria cultural, quando esta acaba por absorver esses fenômenos e os estandardiza e os reinaugura como mercadoria, não é considerada. Por fim, outro ponto da crítica de Brohm que Proni salienta é a crença no progresso contínuo e na superação incessante dos limites humanos. Esta também é uma tese desenvolvida pela Escola de Frankfurt que, como as citadas acima, veio a compor a TCE. A crítica na crença do progresso irrefreado e sempre linear está presente em várias obras dos frankfurtianos.

CRÍTICA À TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE NO BRASIL

A recepção da TCE no Brasil e em outros países da América Latina não tem sido apenas afirmativa. Há também um conjunto de ponderações a ela que se aproxima daquelas feitas na Europa, ainda que sem a mesma densidade e alcance teóricos. Isso talvez se deva à menor presença desse debate entre nós, manifestada, por exemplo, nos poucos textos disponíveis em espanhol ou português. Vale ressaltar que um dos livros mais maniqueístas e pobres teoricamente (Vinnai, 1986) – uma colagem sem esforço de mediação entre a estrutura do trabalho alienado e o futebol, inclusive no que se refere à disposição dos jogadores por posição no campo! – da TCE ganhou várias edições em espanhol, o que agrava o que foi dito.

No que se refere à TCE, o único trabalho citado por Toledo (2001) como em circulação entre nós é justamente o supracitado de Vinnai, o que autoriza a crítica do autor – ao colocar no mesmo espectro os

que se utilizaram das noções de um marxismo vulgar, que estabelece a tese dos esportes com ópio do povo, por aqueles que enfatizaram algumas das noções tributárias de uma

releitura de autores identificados com a Escola de Frankfurt, notadamente Adorno e Marcuse, ou mesmo presente nos estudos que fizeram um mau uso dos trabalhos germinais de Callois e Huizinga sobre os jogos [...] (Idem, p. 139),

ainda que não o dispensasse, talvez, de uma análise mais distanciada dessa tradição teórica.

Lovisolò (1995) provavelmente inaugura a crítica ao ideário da TCE ao se dirigir principalmente à disseminação algo vulgar da afirmativa de que a educação esportiva por meio das regras dos esportes apenas socializaria para a ordem econômico-social capitalista. Contra isso, lembra Lovisolò, a instituição e o cumprimento de regras podem ser também uma vitória dos mais fracos, uma restrição aos mais fortes, nem sempre um procedimento de dominação, como mostra, por exemplo, a história do movimento operário.

Certamente apoiado nas assertivas de Elias e Dunning (1993), Lovisolò argumenta que o esporte não seria o que é sem um aporte de regras relativamente estável e controlador da violência e que muda conforme a tradição da modalidade e as questões éticas, estéticas e técnicas.

Os argumentos de Lovisolò para defender as regras no esporte têm muita força, sobretudo se imaginarmos a possibilidade de atividades esportivas sem regras, quando “tudo” seria permitido. Com certeza, fatores estéticos que apreciamos no esporte deixariam de aparecer, mas também a violência, que de certo modo foi contida pelas regras, tenderia a aumentar – ainda que alguma dose de brutalidade possa ser fascinante para o público.

Não se duvida do papel positivo que as regras têm no esporte e faz parte de sua eficácia que se alterem a partir, por exemplo, de acordos em torno do equilíbrio de tensões – entre a excitação que o jogo causa e a proteção da integridade dos atletas, entre outras possibilidades –, algo que deve, segundo ensinam Elias e Dunning (1993), contrabalançar dinamicamente a contenda para que ela siga sendo interessante. Esse parece ser o caso das regras que tornaram as partidas de voleibol mais curtas e, para nossa sensibilidade contemporânea, talvez mais excitantes devido às alterações mais freqüentes no placar pelo fim da “vantagem”. Se não se pode negar a preocupação com a preservação física dos atletas em jogos menos longos, tampouco se pode esquecer – e deixar de criticar – os determinantes econômicos que aí também se colocam e tornam o esporte um produto mais adequado às grades de horário das redes televisivas⁶.

⁶. Não se trata aqui de evocar saudosamente um passado que “seguramente” teria sido “menos corrompido” que o presente, mas de lembrar a necessidade de a pesquisa debruçar-se sobre as alte-

Oliven e Damo (2001) pretenderam, por sua vez, oferecer uma análise sobre a força que o futebol alcançou contemporaneamente, especialmente no contexto brasileiro, mas também em alguns países latino-americanos. Em seu trabalho, os autores citam a crítica dirigida ao esporte feita pela Nova Esquerda, tomando-a, em alguns momentos, como sinônimo daquelas realizadas pelos frankfurtianos⁷, destacando que não se dirigiram diretamente ao fenômeno esportivo, mas sim à sociedade administrada da qual o esporte faz parte.

Oliven e Damo consideram que a aversão endereçada ao esporte de forma geral – presente no interior da crítica à massificação da cultura – é fruto do contexto em que viveram os autores da Escola de Frankfurt, que diz respeito ao período da Segunda Guerra Mundial e aos anos que se seguiram; nesse sentido, os jogos olímpicos de 1936 em Berlim seriam exemplares. Entretanto, os autores consideram que os frankfurtianos nunca se dedicaram diretamente ao esporte – no que têm razão, em parte. Ao comentarem um fragmento de Adorno⁸, destacam que a associação que este fez entre esporte e propaganda apresenta argumentos para esta, como se em relação ao primeiro a massificação e a negação da subjetividade fossem tão evidentes que não necessitassem um desenvolvimento argumentativo.

É correto afirmar que as preocupações de Adorno e Horkheimer com o fenômeno esportivo foram apenas ocasionais. Entretanto, como destaca Vaz (2000), é preciso considerar a força que os comentários dos autores sobre o esporte possui, já que ele é uma expressão marcante do que Adorno (1997) chamou de “esquema da cultura de massas”. É bom ainda salientar que o esporte, apesar de ser reconhecido pelos frankfurtianos como uma forma de violência corporal, de instigação de tendências sadomasoquistas e de ser contrário a uma educação que se diga emancipatória, apresentaria a possibilidade de conter aspectos que fossem lúdicos

rações empiricamente verificáveis em processos de longa duração. Esses processos são resultado de distintos vetores que prevalecem em detrimento de outros, que podem entre si estar combinados, em complementaridade ou oposição.

7. Em trabalho no qual se ocupa dos estudos do esporte na América Latina, Lovisoló (2002) afirma que o tratamento dos esportes de rendimento ou de espetáculo pelas ciências sociais, especialmente no que se refere ao futebol, teve uma breve e pequena influência da Escola de Frankfurt. Nas palavras dele, “os esportes eram compreendidos a partir das relações sociais de produção e poder, da dinâmica das classes sociais, com duas noções chaves profundamente relacionadas: alienação e controle” (idem, p. 2).
8. Citam um trabalho de Adorno no qual se discute os processos reificadores da música ligeira, entre eles a massificação e a alienação. Nas palavras de Adorno, citado pelos autores (na ótima tradução em espanhol): “la nueva etapa de la conciencia musical de las masas se define por la negación y rechazo del placer en el próprio placer. Tal fenómeno se asemeja a los comportamientos que las personas mantienen frente al deporte o a la propaganda” (OLIVEN; DAMO, 2001, p. 41).

“frente à tendência de maximização do desempenho” (VAZ, 2000, p. 83). Vale citar um trecho de Adorno onde este se refere diretamente à educação e apresenta o caráter de ambigüidade presente no esporte:

Por um lado, [o esporte] pode produzir um efeito antibarbárico e anti-sádico, através do *fair play*; o cavalheirismo e a consideração pelos mais frágeis, por outro, sob muitas de suas formas e procedimentos, pode fomentar a agressão, a crueldade e o sadismo, principalmente no caso dos espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos (ADORNO, 1995, p. 127).

Oliven e Damo demonstram conhecer as críticas que foram endereçadas à Nova Esquerda e dizem ser preciso relativizar o contexto em que as teses da teoria crítica da Escola de Frankfurt foram desenvolvidas, especialmente porque acreditam que o que foi dito ou escrito sobre a cultura de massas, ou seja, sobre a indústria cultural, teve como referência uma concepção elitista de arte e cultura. Afirmam que os proletários sempre deram grande importância ao esporte, principalmente ao futebol, o que oportunizou que grandes historiadores da luta de classes como, por exemplo, Eric Hobsbawm, se debruçassem sobre o tema sem considerá-lo apenas alienação. É preciso, entretanto, destacar que Horkheimer e Adorno (1997) não censuram a cultura popular, mas a junção forçada entre “a arte leve” e a “erudita”, procedimento típico dos esquemas da indústria cultural que faz com que ambas percam a sua força uma vez transformadas em demanda mercantil, disciplinadora e pseudo-gratificante⁹.

No trabalho de Stigger (2002)¹⁰, as idéias da TCE são também questionadas. O autor dedicou-se a analisar três grupos de pessoas que se reuniam em finais de semana, na cidade do Porto, Portugal, para praticar na praia atividades esportivas que, segundo eles, eram desenvolvidas em forma de lazer, como convívio social, para libertar do estresse e para a manutenção da saúde.

⁹. Os limites desse trabalho não permitem uma discussão das posições de Adorno sobre o que podemos chamar de *cultura popular*; algo bastante criticado por comentaristas, sobretudo aquela de registro predominantemente urbano, como o esporte. Lembramos, no entanto, que vários dos trabalhos de Adorno sobre o cinema se caracterizam por uma refinada compreensão de sua dinâmica, freqüentemente vista como esteticamente apurada. Isso demonstram as relações de Adorno com Champlin e Lang, assim como seus comentários sobre Antonioni. Trata-se de uma questão que estamos investigando por dentro mesmo do movimento dialético dos esquemas da indústria cultural que, para Adorno, não formam um bloco monolítico, nem mesmo um movimento unívoco, como muitas vezes apressadamente se afirma.

¹⁰. As críticas são retomadas em Stigger (2005).

Nas entrevistas realizadas por Stigger, os praticantes não enfatizaram a busca de resultados como objetivo das atividades. Isso leva ao principal ponto de questionamento do autor em relação à TCE, especialmente a tese de Rigauer, de que todos os esportes fossem de rendimento ou praticados em menor grau competitivo, teriam uma semelhança estruturais com o trabalho industrial (RIGAUER, 1969). É isso que permite a Stigger (2005) falar em uma diversidade das práticas esportivas a partir dos sentidos atribuídos pelos praticantes. Como dito acima, a *performance* não apareceu nas falas como algo a ser perseguido, ainda que os informantes tenham reconhecido que ela se fazia presente, uma vez aceitas como necessárias algumas “condições mínimas para realização das partidas” (p. 204), ou seja, eles eram “comparados pela possibilidade de produzir algo” (p. 203), de “terem performances semelhantes” (p. 203) para produzirem jogos equilibrados, já que ganhar muito fácil não despertaria a tensão necessária para se obter prazer do jogo. Ou ainda, ao reconhecerem que depois de certa idade, alguns participantes “têm de reformar-se” (p. 204), já que não mais apresentariam condições técnicas necessárias para acompanhar os jogos.

Para Stigger (2002; 2005), a tese de Rigauer, de que as esferas do trabalho e do esporte estão impregnadas pela idéia de sucesso e *performance*, o que faz com que o esporte de rendimento difunda suas normas até mesmo no lazer, é generalista demais. Nesse quadro, no entanto, as críticas da Nova Esquerda parecem fazer algum sentido, ao considerarem as atividades esportivas de lazer estratégias para a recuperação do trabalho e, portanto, algo que permanece com sua lógica – algo, aliás, já presente em um importante ensaio de Adorno (2004, p. 104): “mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres do horário de trabalho”. Não há, portanto, uma crítica à atividade em si mesma, mas ao caráter que assume ao reforçar a lógica de exploração e estranhamento do trabalho assalariado:

 Todavia, parece evidente a hipótese, entre outras, de que, mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no team, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que dela se espera no processo de trabalho. A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer *fit* é falsa só pelo fato de colocar a *fitness* como um fim em si; *fitness* para o trabalho é uma das finalidades secretas do esporte (idem, p. 113-114).

Vale lembrar que a recuperação psicofisiológica por meio das práticas esportivas – na forma, por exemplo, como “escape”, para “aliviar o stress” ou “diminuir as

agruras do trabalho" (STIGGER, 2002, p. 226) – é uma tentativa de regeneração do potencial da força de trabalho, além de ter que se apresentar, em um mundo administrado, como uma vivência que faça eclipsar a exploração.

Destaque-se também, no entanto, que para Adorno não se trata de uma simples condenação do "tempo livre", mas dos mecanismos que fazem esquecer a destruição provocada pelas relações de trabalho. Não se trata, portanto, de apontar uma adaptação total e monolítica por parte do indivíduo, mas de considerar a dimensão reificadora dos fenômenos sociais.

Os interesses reais do indivíduo ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites, resistir à apreensão [Erfassung] total. Isto coincidiria com o prognóstico social, segundo o qual, uma sociedade, cujas condições fundamentais permanecem inalteradas, também não poderia ser totalmente integrada pela consciência. A coisa não funciona assim tão sem dificuldades, e menos no tempo livre, que, sem dúvida, envolve as pessoas, mas, segundo seu próprio conceito, não pode fazê-lo completamente sem que isso fosse demasiado para elas. Renuncio a esboçar as conseqüências disso; penso, porém, que se vislumbra aí uma chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com sua parte para o tempo livre [Freizeit] se transforme em liberdade [Freiheit] (ADORNO, 2004, p. 116-117).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TCE ganha espaço no Brasil em paralelo com a presença, nas ciências da educação, de uma tentativa de superação de pedagogias que se entendia serem descomprometidas com as transformações sociais advogadas no final dos anos de 1970. A educação física fez encontrar esses dois vetores, uma vez problematizado o fato de o esporte ser seu conteúdo hegemônico na escola, o que fez com que aquele movimento teórico ganhasse entre nós uma expressão insuspeitada, vindo a compor parte da consolidação da área de conhecimento, processo ainda em desenvolvimento.

Não parece haver dúvidas quanto ao impulso que a TCE deu aos estudos do esporte no Brasil, ainda que seja preciso reconhecer que sua divulgação em versões vulgarizadas e difusas contribuiu apenas para diminuir o esforço de pesquisa dado pela projeção imediata de teses radicais e, por isso, sedutoras.

Aqueles que se opuseram ou mostraram lacunas no ideário da TCE apontaram questões importantes e uma preocupação em ampliar o foco de análise dos esportes, bem como, para isso, em dedicar-se a pesquisas que tomem o empírico como foco – e, dentro dele, as representações dos praticantes como uma fonte privilegiada. A TCE tampouco reconheceu um momento de jogo que parece existir

em muitas práticas esportivas, algo extremamente importante entre nós, onde o futebol apresenta dimensões simbólicas e materiais que vão para muito além dos estádios, uma paixão que não deixa incólume nossos pesquisadores que não se eximem de certa tradição que entre nós reafirma o elogio do malandro. Ela talvez às vezes não deixe ver que há práticas que, por mais “inocentes” que possam parecer, conservam momentos de dominação contra os quais julgam se colocar.

Nesse último aspecto, o esforço de debater com a TCE deveria aproximá-la mais daquela sua origem, a tradição da Escola de Frankfurt. Isso porque o momento de jogo (no futebol, por exemplo) poderia ser mais bem compreendido pela dimensão estética de aproximação entre sujeito e objeto, tal como Adorno formulou ao longo de sua obra, sobretudo a mais tardia¹¹. Da mesma forma, trata-se de operar com o conceito de indústria cultural em toda sua extensão, procurando livrar-se dos clichês que o reproduzem como se fosse uma denegação de qualquer expressão cultural não erudita. Esta aproximação mais profunda e menos preocupada em “marcar posição” com a Escola de Frankfurt deve ser vista não como a incorporação de um receituário, mas como um convite à pesquisa e à reflexão.

From center to periphery: on Critical Theory of Sport in Brazil

ABSTRACT: The Critical Theory of Sport (CTS) is an approach that has its roots in the counterculture and the Frankfurt School. It originated in Europe and arrived in Brazil in the 1980s as a theoretical model for the critique of sport. The development of CTS can be characterized by two stages: one referring to the moment of its arrival and another linked to the critical responses it generated over the following decade. There was also an effort made to apply the approach in the production of descriptive and analytical texts. CTS was especially well-received in the area of physical education, although popularized in ways that sometimes led to its vulgarization. A critique of the approach signals some important issues to be considered, particularly with regard to empirical research. Engaging CTS in fruitful debate would mean taking it back to its theoretical origins and making a more profound use of the concepts proposed by representatives of the Frankfurt School, not as formulae to be applied but as an invitation to research and reflection.

KEY-WORDS: Critical Theory of Sport; sociology of sport; Frankfurt School.

(continua)

¹¹ Numa direção que não é a mesma que a nossa, Gruneau (1993) criticou a TCE por não considerar aspectos importantes da obra estética de Adorno como, por exemplo, sua relação com a vanguarda.

Del centro a la periferia: sobre la presencia de la Teoría Crítica del Deporte en Brasil

RESUMEN: La Teoría Crítica del Deporte (TCD) es un movimiento teórico alimentado por la contracultura y por la Escuela de Frankfurt que nace en Europa y llega al Brasil en los años 1980 como aporte teórico de la crítica al deporte. Ella se desarrolla en el país en dos momentos: la citada llegada y una recepción crítica a partir de la década siguiente. Entre ellos, un esfuerzo de presentación en textos descriptivo-analíticos. La TCD fue especialmente asimilada por el área de Educación Física y se popularizó en versiones a veces vulgares. La crítica a ella apunta cuestiones importantes, principalmente relacionadas a la investigación empírica. El debate con la TCD debería acercársela de su origen teórico, profundizando los conceptos propuestos por los frankfurtianos, no como una receta, sino como una invitación a la investigación y a la reflexión.

PALABRAS CLAVES: Teoría Crítica del Deporte; sociología del deporte; Escuela de Frankfurt.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Das Schema der Massenkultur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. (Gesammelte Schriften Adorno, 3).

_____. *Indústria cultural e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRACHT, V. Esporte, estado e sociedade. *RBCE*, v.10, n. 2, p. 69-73, 1989.

_____. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1997.

_____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

BROHM, J. M. (Org.). La civilisation du corps: sublimation et désublimation répressive. In: BERTHAUD, G. e col. *Sport, culture & répression*. Paris: François Maspero, 1976.

BROHM, J-M. *Sport. A Prison of Measured Time*. Worcester: Pluto, 1989.

CAVALCANTI, K. B. A função cultural do esporte e suas ambigüidades sociais. In: COSTA, L. P. da. *Teoria e prática do esporte comunitário e de massa*. São Paulo: Palestra, 1982. p. 301-316.

_____. *Esporte para todos: um discurso ideológico*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1984.

DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process*. Oxford: Blackwell, 1993.

GRUNEAU, R. The critique of sport in modernity: theorising power, culture, and the politics of body. In: DUNNING, E; MAGUIRE, J. A.; PEARTON, R. A. *The sports process*. A comparative and developmental approach. Champaign, IL: Human Kinetics, 1993. p. 85-109.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialektik der Aufklärung*: Philosophische Fragmente. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. (Gesammelte Schriften Adorno, 3).

LENK, H. Razão pragmática. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, p. 145-167, 1979.

LOVISOLO, H. *Educação física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

_____. Sociologia do esporte: viradas argumentativas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., Caxambu. *Anais...* Caxambu: s.ed., 2002. CD-ROM.

OLIVEN, R. G.; DAMO, A. S. *Fútbol y cultura*. 1. ed. Buenos Aires: Norma, 2001. v. 1. 119p.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In:_____; LUCENA, R. F.; PRONI, M. W. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

RIGAUER, Bero. *Sport und Arbeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969.

STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

TOLEDO, L. H. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). *BIB*, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.

VAZ, A. F. Na constelação da destrutividade: o tema do esporte em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 65-108, 2000.

_____. Teoria crítica do esporte: desdobramentos, crítica e possível atualidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 27., Caxambu. *Anais...* Caxambu: s.ed., 2003. CD-ROM.

VINNAI, G. *El fútbol como ideología*. 4. ed. México: Siglo Veintiuno, 1986.

Recebido: 10 jan. 2006

Aprovado: 8 maio 2006

Endereço para correspondência
MEN/CED/UFSC – Campus universitário
Cx.postal 476
Florianópolis-SC